

ENTREVISTA

SOBRE MILITARES DO BRASIL

ENTREVISTADO: MANUEL DOMINGOS NETO¹

Osmar Moreira dos Santos (Pós-Crítica/UNEB)
Lícia Soares de Souza (Pós-Crítica/UNEB)
Luiz Henrique Sá Nova (UFRB)

Manuel Domingos Neto é mestre em Sociedade e Economia na América Latina e doutor em História pela Universidade de Paris. Realizou estágio de pós-doutoral na École des Hautes Études en Sciences Sociales. Foi pesquisador da Casa de Rui Barbosa, superintendente da Fundação Centro de Pesquisas Econômico-Sociais do Piauí, professor da Universidade Federal do Ceará e da Universidade Federal Fluminense. Foi vice-presidente do CNPq, fundador e editor de “Tensões Mundiais”, do Observatório das Nacionalidades. Presidiu a Associação Brasileira de Estudos de Defesa (ABED).

Osmar Moreira dos Santos:

Então, professor, para começarmos temos essas três questões: 1) As motivações do golpe de 2016 e o papel dos militares; 2) a noção de patriotismo castrense; 3) Os militares e Bolsonaro.

Manuel Domingos Neto:

Eu acredito que todos vocês gostem da democracia e por isso a defendemos. Não dá para defender a democracia, ignorando os militares, nem aqui nem em qualquer canto. A democracia pressupõe um Estado que respeite a soberania popular. É assim no Estado moderno. O princípio essencial deste Estado é o de que todo poder emana do povo e em seu nome seja exercido. O maior desafiante deste preceito tem sido os instrumentos de força do Estado. O Estado precisa desses elementos de força, que é pago, preparado, equipado para defender o Estado. Se não há controle sobre este instrumento, ele terminará dominando o Estado. Isso é ensinamento antigo, faz parte da

¹ Entrevista realizada através do Canal Pós-Crítica/YouTube no dia 06/04/2021, que começou às 19:00h e teve duração de 1 h, 38 min, e 12 segundos. Transcrição: Doutoranda Juliene Cristian Pinto (Pós-Crítica/UNEB). Edição, cortes, seleção: Osmar Moreira dos Santos.

história da humanidade. Portanto, a democracia pressupõe o conhecimento e o domínio do aparelho de força do Estado. Agora, você não pode dominar ou comandar o que você não conhece. E nada mais desconhecido, entre nós, do que os militares.

Nesse início, eu gostaria de homenagear um velho amigo, um baiano que muito me estimulou nos meus estudos, que eu conheci quando retornei de Paris, depois do exílio. Haroldo Lima foi um dos primeiros a me incentivar. Outro baiano-pernambucano, Diógenes Arruda Câmara, que também me impulsionou. Mas, Haroldo me acompanhou durante muitos anos. Sempre conversávamos, mesmo quando ele dirigia a Agência Nacional do Petróleo; sempre encontrava tempo de sentar, me fazia mil perguntas. Sentirei uma saudade muito grande de seu estímulo. Ele assinaria o que eu disse: quem gosta de democracia tem o dever estudar o militar para saber com quem está lidando.

Mas há poucas coisas mais difíceis, sabe? Faz muitos anos que eu lido com isso e há muitas questões eu não saberia responder.

Luiz Nova:

Então continuemos a decifração.

Manuel Domingos Neto:

O militar se reclama patriota, mas não há ninguém mais internacionalizado do que o militar, ninguém mais padronizado universalmente. Traços essenciais são compartilhados por todas as organizações, do ponto de vista orgânico e funcional. Outra coisa, o militar é um conservador por essência. Por natureza, a índole do militar pede estabilidade, apesar de não haver ninguém mais ansioso pela novidade. Ele precisa das novidades propiciadas pela ciência, pela tecnologia, pela indústria. Os embates, a medição de força entre sociedades e Estados é decidida pela capacidade de ver mais longe, de enxergar mais rapidamente o inimigo, de conhecer melhor o terreno, de ter mais potência de fogo, de matar melhor, de sangrar mais rápido e destruir. Para isso é preciso conhecimento científico.

Então, o militar é um defensor da ciência. Teoricamente, seria um defensor da mudança social, porque a ciência promove mudança social.

Não obstante, o militar é um reacionário. Abri a conversa dessa forma para mostrar que não estamos diante de um objeto de estudo qualquer. É preciso acumular leitura e dominar teorias para entender o militar.

Acerca de 20 anos atrás, eu comecei um movimento para que a universidade brasileira estudasse o militar. Procurei os que se interessavam pela temática. Encontrei algumas dezenas e formamos uma associação científica que hoje reúne centenas de pesquisadores. É a Associação Brasileira de Estudos de Defesa (ABED).

Pense na dificuldade de encontrar dinheiro para pesquisar! Havia dinheiro para estudar violência, polícia, gênero, relações internacionais, segurança internacional, essas coisas eram possíveis. Mas, para estudar o organismo militar, as organizações militares, não.

Depois de muita luta, conseguimos um edital da CAPES que estimulava os Estudos de Defesa e as formulações das organizações militares. Sabe o que aconteceu? Os militares ficaram com o dinheiro. O militar não quer que o civil o estude; não quer compartilhar o conhecimento dos negócios militares. Essa é uma forma de exercer domínio, porque, como eu disse, você não controla o desconhecido.

Vocês têm noção do que os militares podem fazer nas próximas horas no Brasil? A declaração de qualquer general sobre o quadro político ganha manchete instantaneamente. A substituição de um comando militar prende as atenções durante um bocado de tempo, porque sabemos que, nas mãos das Forças Armadas, estará o nosso destino de curto e de médio prazo.

Vamos às questões. Acho que a primeira delas foi sobre as motivações dos militares para voltar ao palco político.

Osmar Moreira dos Santos:

As motivações do golpe de 2016 e o papel dos militares.

Manuel Domingos Neto:

Escrevi o capítulo para o livro organizado por João Roberto Martins, um colega da Universidade Federal de São Carlos, “Militares e a crise política

brasileira”. Escrevi o capítulo de abertura do livro e um outro, com um aluno que trata de um tema específico, o militar e o indígena. A relação entre o militar e o indígena é reveladora da índole do militar brasileiro. Mas no primeiro, capítulo, eu sustentei a seguinte ideia: há motivações primordiais ou, se quiserem, estruturais, poderosas, que não se apagam rapidamente, e motivações circunstanciais, fortuitas.

Eu me prendi às motivações primordiais. Falarei mais do Exército. Temos três corporações, mas a decisiva é o Exército, porque é mais capilar, mais numeroso, mais apto a uma intervenção mais profunda na vida brasileira.

O Exército foi concebido, montado e modernizado, a partir de negócios com os estrangeiros. Uma missão estrangeira modernizou a Corporação entre as duas guerras mundiais. Minha tese de doutorado foi sobre isso, a Missão Militar Francesa. A tese não foi publicada na íntegra, porque, quando eu voltei, caí na militância política. A tese foi publicada em fatias, em artigos acadêmicos na Europa e no Brasil. A primeira publicação foi naquele livro que saiu na França em 1981, “Les partis militaires au Brésil” e que foi traduzida pela Record. Ainda estávamos no período ditatorial. Dois anos depois a editora Record comprou os direitos autorais e publicou no Brasil. Aos pedaços, a tese foi quase toda publicada, só a parte da aviação ainda é inédita. Argumento que temos um exército muito dependente, que não funciona sem armas, equipamentos e tecnologia estrangeira. É dependente até de doutrinas.

Osmar Moreira dos Santos:

E quais as principais consequências de um exército dependente?

Manoel Domingos Neto:

Um exército dependente só consegue guerrear se o fornecedor permitir. Digamos que o Brasil queira lutar contra um país qualquer e o seu fornecedor não se interesse pela contenda. Aí faltará peças para o avião, para tudo. Até comunicação via satélite vai faltar. Hoje o Brasil não pode guerrear sem o aval dos Estados Unidos.

Os militares se irritam quando expomos essa realidade, mas é a verdade. A saída é buscarmos a autonomia. Mas o Brasil por se amparar na multilateralidade, buscar novas alianças estratégicas, por exemplo, com a Índia, a China, a Rússia, não ficaria tão atrelado ao fornecedor histórico. O fornecedor histórico vai se zangar porque perderá encomendas e prestígio. Perderá controle sobre a América do Sul e a América Latina. Quem controla o Brasil, controla a América Latina do ponto de vista militar. Está aí uma motivação estrutural.

O Brasil estava praticando uma política ativa e ativa e isso aborreceu os poderosos do mundo. Não combinava com o padrão das Forças Armadas, sempre dependente destes poderosos. O Lula tocou esse negócio. Celso Amorim não gosta quando eu falo isso, mas ele desenvolveu uma política externa ignorando o elemento de força. O militar não acompanhou a política externa. Eis uma motivação para o militar impedir o retorno de Lula, o retorno da esquerda, que poderia derivar para um novo relacionamento estratégico ameaçador da ordem prevalecente. Estou ilustrando as motivações estruturais ou primordiais.

Ainda a título de ilustração: o militar é contra a mudança social. A continuidade das mudanças desenvolvidas desestruturariam o organismo militar tal como foi concebido e estruturado. Se diminui a quantidade de gente sem arrimo, de juventude perdida e sem oportunidade, isso repercutirá no recrutamento dos soldados. O recrutamento guarda traços coloniais. Quem serve ao Exército como soldado é quem não tem chance de melhorar de vida. Tal chance fica apenas com os oficiais e um pouco com aquela camada intermediária de sargentos e de subtenentes.

Há recrutamento obrigatório no Brasil. A quem os recrutados se submeterão? O filho do médico vai servir? O filho do juiz? O filho do professor universitário com uma vida razoável? O filho do empresário? É impensável que o filho de um banqueiro chegue aos 18 anos e cumpra obrigatoriamente o serviço militar. Serviço militar universal obrigatório é uma grande pantomima para continuar, a rigor, a mesma estrutura de recrutamento verificada no período colonial. Isso nunca mudou.

Estou exemplificando como as mudanças sociais afetam o organismo militar. As mudanças comportamentais também, por exemplo,

altivez da mulher. Mulheres têm dificuldades de se fazer respeitar no quartel, um ambiente misógino. O homossexual gay que quer usar batom, assumir a sua sexualidade... Olhe o problemão! O quartel é homofóbico. Os comandantes se arrepiam quando vêem essa mudança de costumes. A dependência externa e o medo da mudança social são motivações primordiais. O governo de esquerda não atentou para isso; não estava preocupado com os militares. De repente, o Lula foi para a cadeia sem saber por quê.

Osmar Moreira:

Como se configurou essa falta de entendimento do governo de esquerda em relação aos militares e como resolver isso, caso reassumamos o poder?

Manoel Domingos Neto:

Na cadeia Lula disse que queria conversar com os militares porque se dera muito bem com eles, lhes favorecera. Lula garantiu dinheiro para comprar avião, submarino. Lula os desconhecia, assim como todos os seus ministros. Não estou dizendo que eu os conheça. Sei apenas de algumas coisas, as corporações são verdadeiras caixas-pretas. Nesse mesmo capítulo que eu mencionei, o título é “Fileiras desconhecidas”, listo uma série de perguntas que nem general sabe responder. São organizações desconhecidas.

Osmar Moreira dos Santos:

E as motivações circunstanciais do golpe?

Manoel Domingos Neto:

Se o exército é louvado, é glorificado em missão externa, mesmo sem ter guerreado, mas aplicado a lei e a ordem, vai querer voltar querendo fazer o que aprendeu. Estou me referindo à missão do Haiti. A turma que está mandando hoje atuou no Haiti.

Outra coisa, quem se habitua a ganhar além do salário e pode ter carro de luxo com banco de couro ou pode aspirar a compra de um

apartamento em local chique de Salvador, não vai querer perder o padrão; tende a buscar cargos no aparelho de Estado.

Obviamente, estou resumindo ou simplificando os motivos para o envolvimento político explícito e direto. Os militares voltaram ao palco político com gosto de gás, com muita garra, mostrando todo o seu reacionarismo.

Alguém pode lembrar a Comissão da Verdade. Mas relativizo isso.

Luiz Nova:

Em que termos?

Manuel Domingos:

Eu tenho um amigo da Unicamp, Eliezer Rizzo de Oliveira que fez doutorado na minha época. Ele explora muito isso. Deve-se levar em conta, claro, mas com calma. Militar convive bem com comunista, entretanto ele precisa de inimigo para justificar sua existência. Daí se dedicar a caçar comunista, esquerdista que quer promover reformas sociais. Qualquer reformista é alçado à condição de inimigo.

Eis que se institui a Comissão da Verdade com o objetivo de investigar como eles barbarizaram os opositores, vistos como “inimigos”. Os crimes que praticaram não pegavam bem para a biografia de quem se apresenta como glorioso. O militar precisa de glória em virtude da natureza de seu ofício, que é o de matar e ter a predisposição de morrer pela sociedade.

A profissão militar é intrigante, nenhuma outra exiba mais motivos sacrossantos para o seu exercício. Esse negócio de matar é coisa séria, não é? A polícia cuida da ordem, não é necessariamente preparada para matar, destruir. Quem faz isso é o exército: explodir tudo, abater gente. Quem lida com esse tipo de coisa precisa de motivo sacrossanto. E qual é o motivo sacrossanto da modernidade? Não há outro, além da pátria, que é uma entidade indefinível, uma abstração. Todos falam em pátria, o artigo 142 da Constituição fala de pátria. Mas o que é isso? Que entidade é essa? Ninguém sabe dizer o que é a pátria...

Osmar Moreira dos Santos:

Então, professor...

Manoel Domingos Neto:

Eu pago uma viagem à Paris se alguém me disser de forma convincente o que é pátria. Eu estudo essa danada há muito tempo e não consegui saber ainda o que ela representa efetivamente. Está na Constituição: defesa da pátria! Se alguém disser que a pátria é a sociedade, Mourão e Bolsonaro seriam traidores porque eles detestam a sociedade. Não têm qualquer respeito pela sociedade. O artigo de hoje do Mourão, no jornal Estado de São Paulo, é de um sujeito que não gosta do Brasil, não gosta de democracia, não gosta de ciência. É de um sujeito que detesta o que há de bom no Brasil.

Alguns jornalistas me ligaram perguntando sobre isso. Não quero mudar de assunto, mas desconfio que o Mourão hoje avisou o seguinte: eu estou chegando! O presidente que se cuide.

Osmar Moreira dos Santos:

Como tornar esses resultados de estudos e pesquisa mais populares?

Genivaldo Cruz Santos (chat):

Como as forças democráticas brasileiras poderiam conter a sanha dos militares em querer tutelar o Estado brasileiro?

Manuel Domingos Neto:

Essa pergunta é valiosa. É preciso entender os militares para saber comandá-los. O Presidente da República tem que aprender a comandá-los. Não pode também mexer irresponsavelmente nas corporações, por exemplo. Há um ponto no programa do PT um ponto relativo a alteração do programa das escolas militares. Acho que não pensaram direito, porque não é por aí.

Luiz Nova:

Terminou dando na militarização das escolas não-militares...

Manuel Domingos Neto:

Quando você mexe para valer em programa de ensino militar, o mais provável é que você tenha revoltas, sedições, como ocorreu nos anos de 1920 com a Missão Militar Francesa. Reformas do ensino provocam clivagens: os jovens oficiais passam a desrespeitar os mais velhos, desafiá-los. O tenentismo foi um desafio de jovens que se julgavam donos de um saber técnico avançado e que não suportavam mais aqueles coronéis e generais tidos como defasados e ignorantes.

A sociologia estadunidense cunhou uma expressão, “instituição total”. Organização militar é tão complexa que tende a bastar-se a si própria; tem um grau de autonomia muito elevado. Se você mexe, em um negocinho, em um aspecto qualquer, corre o risco de desequilibrar a organicidade e a funcionalidade de desmontar todo um sistema altamente complexo. Pode mudar tudo!

Mas, voltando ao que eu disse inicialmente, é preciso saber comandar. Se o Lula me perguntasse o que fazer? Eu diria, chame um grupo de estudo, monte uma proposta bem fundamentada, chame os comandantes e diga: “Eu quero isso, em tal prazo, me passem os custos!”.

Qual seria a maior tarefa, a maior missão que você pode dar a um exército de um grande país, industrializado, com razoável capacidade tecnológica, mas militarmente dependente de potência estrangeira? É ganhar autonomia.

É preciso chamar os militares e ordenar-lhes o estabelecimento de um programa de autonomia completa. Nós precisamos fabricar nossas armas, equipamentos, nossas comunicações sem depender de ninguém. Sem satélites estrangeiros, nem de mísseis estrangeiros; nada de cibernética estrangeira, nem submarino estrangeiro, nem motor avião com motor da Boeing. Nada, nada! Vamos fazer tudo aqui!

Os comandantes ficariam aturdidos. Deixariam de pensar em lei e ordem, iriam atrás de acadêmicos, cientistas e industriais para ver como montar complexo capaz de assegurar a autonomia. Assim, eles próprios teriam que mudar os programas das escolas, a composição e distribuição da

tropa. A distribuição geográfica dos efetivos é concebida para bater em brasileiros. Essas forças não são concebidas para enfrentar estrangeiros.

A importância daqueles “rambos” que eles formam na Amazônia seria relativizada. Eles formam “rambos” para guerra na selva? Isso não serve para defender a Amazônia coisa nenhuma. Seria um absurdo uma tropa estrangeira ocupar a Amazônia. Se por acaso tentassem essa maluquice, os “rambos” não poderiam evitar. Tanto é que eles têm uma estratégia definida nos anos 1990, que numa eventual invasão da Amazônia, a única coisa que a ser feita seria deixar entrar para depois matar de um por um.

O Brasil não tem sistema de míssil ou armamento capaz de derrubar a tropa invasora antes de que pise no solo. Não há defesa para nossas comunicações. Se o estrangeiro quiser, ele rompe as comunicações e acabou. Ele pode isolar as cidades. Macapá ficou sem energia elétrica: uma capital de um estado passou duas semanas sem energia elétrica.

Luiz Nova:

Você comenta que o Celso Amorim, então ministro das Relações Exteriores, não gosta muito da constatação e da crítica que teria ocorrido a inserção das Forças Armadas como protagonistas dessa discussão. E ao fazer isso, distanciou as Forças Armadas do processo político que a elas interessariam, porque as Forças Armadas, nós sabemos, são a expressão ideológica mais avançada da hegemonia existente. No caso, agora, da hegemonia do capital financeiro. Então, essa questão de as Forças Armadas não terem sido convidadas a esse processo político, não seria agora um grande problema? Nós estamos falando, não de uma superação, mas de um processo dentro da democracia existente.

Manoel Domingos Neto:

Procede, isso que você está falando. Não dá para nós desenvolvermos uma política externa ativa sem tratar de diversos aspectos, entre eles, os instrumentos de força.

O problema é difícil, Luiz Nova. Para facilitar melhor o entendimento, temos que pensar em duas coisas. A primeira, é a política de Defesa do Brasil, que não se resume ao aspecto militar.

A política de Defesa do Brasil implica, por exemplo, em redução das disparidades, das desigualdades, da fragmentação da sociedade. Uma sociedade fragmentada não se defende. Esse é um aspecto fundamental.

A Defesa pressupõe também uma boa vizinhança. Vizinhança firme. Estou falando dos países sul-americanos e dos países africanos da costa ocidental. O possível teatro de guerra mais importante do Brasil é o Atlântico Sul. Nós precisamos estar cercados de amigos. É condição de defesa.

Outra condição para a Defesa é uma capacidade de produzir meios próprios, engenhos, armas, equipamentos, munição, comunicação e tudo o mais que confere autonomia operacional às Forças Armadas.

O quarto elemento da Defesa é o aparelho militar em si, que deve corresponder a uma concepção de Defesa, ou seja, precisa ser organizado conforme as diretrizes da política de Defesa. Essa relação entre política de Defesa e instrumentos militares sempre esteve totalmente invertida: não se discute a Defesa, se discute os assuntos ou negócios militares. Os militares têm o monopólio do conhecimento de suas organizações e impõe ao Estado o seu desígnio, inclusive, ou sobretudo, no que diz respeito à Defesa.

Eu acredito, Luiz, que o projeto de desenvolvimento de que nós precisamos tem que ter esse elemento transversal, que é Defesa, uma coisa bem complexa. Quando o Brasil desenvolveu essa política externa ativa e ativa, não dimensionou corretamente as implicações disso para as Forças Armadas.

É importante lembrar que o militar fundou o CNPq, nos anos 1950, para dominar o ciclo nuclear e produzir a bomba atômica. É intrigante, para o historiador, ler as atas do Conselho Deliberativo da época e saber das querelas entre as áreas de conhecimento, sobretudo a de medicina com a dos físicos. Os médicos queriam dinheiro e diziam: “queremos recursos para vida, para salvar pessoas, e vocês querem para destruir, para matar!”. Tinha esse tipo de debate quente, interessantíssimo, revelando o distanciamento da comunidade acadêmica em relação aos problemas da Defesa.

Esse distanciamento nunca foi interrompido. Quando participei das reuniões do Conselho Deliberativo, no primeiro governo Lula, uma ou outra vez, lateralmente, eu dizia: está faltando militar aqui dentro... Todos se assustavam. Militares não tinham nem espaço. Era muita viva a lembrança da ditadura. E talvez os militares estivessem pouco interessados também porque não vislumbravam de fato a autonomia em armas e equipamentos. A discussão de um plano de desenvolvimento que contemplasse a autonomia em Defesa, ao que me consta, não aconteceu.

A partir do ministro da Defesa Nelson Jobim e do ministro Mangabeira, o Brasil passou a elaborar, no segundo governo Lula, estratégias e planos nacionais. Antes disso, os ministros nada entendiam nem estavam interessadas em entender. Apenas ocupavam espaço político. Imaginem que o José Alencar, com sua autoridade de vice-presidente, foi ministro da Defesa por uns 3 anos... ficou completamente à margem. Era um sacrifício pessoal cumprir a extenuante rotina de solenidades para distribuir medalhas. Discussão mesmo, nada. Os militares ficaram entregues a si próprios.

Os Planos de Defesa, Estratégia Nacional de Defesa, Livro Branco de Defesa, foram elaborados, na minha percepção, para inglês ver. Suas proposições não entraram efetivamente no pensamento militar. As corporações impuseram suas demandas à margem das declarações de princípios dos documentos. Os governos, nessa matéria, foram frágeis. E o resultado está aí: os militares ficaram sozinhos, livres para continuar com suas relações com os fornecedores externos e tramar a volta ao poder. Voltaram de forma traiçoeira, desrespeitosa com a democracia e com o povo brasileiro.

Osmar Moreira dos Santos:

Há uma pergunta da professora Celi Taffarel por conta dessa noção de os militares não estarem preocupados com a Defesa, mas com seus negócios. Em que medida isso tem a ver com uma consciência de que eles são o partido armado do capital? Eles estão mesmo sob controle do capitalismo? Há esse controle sobre a mentalidade militar, enfim, difícil de ser contornada?

Manoel Domingos Neto:

A estrutura militar moderna, num país arcaico é uma aberração. Ocorre o seguinte: no lugar de garantir a defesa, ela garante a dependência. Quando você compra armamento do estrangeiro, que é algo muito caro e sofisticado, você está financiando a indústria estrangeira. A pesquisa na área militar é uma pesquisa caríssima, demanda venda em escala. O produtor disputa clientes usando todos os recursos de que dispõe.

O comprador de material bélico vende a alma, porque o fornecedor não vai, eu já disse isso, fornecer armas, equipamentos, para quem possa agir contra si mesmo. Isso é óbvio. Não vai fornecer para deixar o exército do país arcaico no domínio do conhecimento técnico que possa acabar com sua fonte de força e de dinheiro. Esse é um esquema mundial. Os instrumentos de força estão subordinados aos que detêm o poder político e econômico. Na verdade, são instrumentos de dominação.

O equilíbrio da correlação de força no mundo, depois da Guerra Fria se deu pelo fato de a Federação Russa conseguir manter e desenvolver dispositivos importantes. Ela continuou como potência militar, inclusive como potência nuclear. Nos últimos anos, a Rússia registrou avanços importantes em sua estrutura militar.

Por outro lado, o novo desafiante na disputa pela hegemonia, a China, está conseguindo ser autônomo em Defesa. Para isso, desenvolveu sua própria tecnologia. E ainda aparecem outras potências, a exemplo da Índia, conseguindo o seu espaço.

Aquela bipolaridade URSS versus Estados Unidos tinha que dar vez à multipolaridade. Os Estados Unidos tinham que dar uma resposta a esse fenômeno. Por isso torpedearam os BRICS. Com apoio de Bolsonaro, acabaram com a nossa presença na África. Nós estávamos firmando parcerias interessantíssimas, firmando amizades com *soft power*. Alimentávamos laços na América do Sul. Uma coisa promissora. O Brasil estava num caminho bacana.

Lícia Soares de Souza:

Tenho quatro questões. A primeira: João Ubaldo Ribeiro, em “Viva o povo brasileiro”, mostra a gênese do Exército brasileiro. Eu sempre quis saber se foi daquela forma mesmo, pegando negros e mestiços, levando para uma guerra que não era nossa. Na gênese do Exército tem presença do negro, mestiço, convivendo com as tradições populares, que seriam a religião afro-brasileira, uma coisa marginalizada nessa época? Segunda pergunta: Euclides da Cunha descreve um Exército que gosta de ciência, que vai colocar o telégrafo pelo Nordeste, abrir as ferrovias, embora critique toda a gente mestiça, desordenada, indisciplinada. Terceira: sobre o capitão Lamarca como personagem. Quarta questão, se os milicianos atuais são uma invenção e uma consequência da ditadura militar. O governo federal atual é militar ou miliciano, ou os dois?

Manuel Domingos Neto:

Adorei essa entrada na literatura. Eu estava esperando a hora de você passar pelo “Policarpo Quaresma”, porque dos grandes escritores eu destacaria o Euclides e o Lima Barreto.

Euclides realizou uma obra fantástica para revelar o Brasil, a natureza do Estado e seu instrumento de força. E o Lima Barreto, que mostrou como era a vida na Capital no momento de transição do exército arcaico para o exército moderno. As tropas eram formadas pelas camadas empobrecidas. Os soldados eram disciplinados na base da chibata, como no tempo da escravidão. Os oficiais integram a elite dominante.

Havia no Império três ambientes nos quais se podia aceder a uma cultura superior. Primeiro, o seminário, o ensino religioso. Depois, as faculdades isoladas de Medicina e Direito. O terceiro ambiente foi o mais importante de todos do ponto de vista da construção da modernidade: a Politécnica, do Exército. A Escola Naval também, mas, sobretudo, o Exército. Toda a engenharia brasileira provém desse ambiente.

O Exército diz que construiu o Brasil. Há um porta-voz da mentalidade militar, o Aldo Rebelo, que diz que o Exército fez tudo, até fundou a pátria. E que o Exército teria surgido antes do Estado brasileiro nascer. Essa

é uma visão que menospreza a obra do povo brasileiro. A nação foi construída por homens e mulheres que trabalharam nas mais duras condições, não é obra de alguns poucos.

Essas peculiaridades, de não termos oferta de conhecimento mais avançado ao longo da história e de que somos dependentes de tudo deixou uma marca profunda. Só que esta realidade foi parcialmente desfeita. Da Segunda Guerra até nossos dias, a comunidade científica brasileira se afirmou, e, particularmente, no século 20, se credenciou para pensar, amparar o desenvolvimento e construir a nação.

Quando eu falo em comunidade científica, estou incluindo a literatura. Inclusive, há bons literatos que saíram da Escola Militar. Eu agregaria, Lícia, à tua reflexão, o seguinte: os grandes talentos musicais, os gênios, não tinham onde aprender, aprendiam na banda militar. É imensa a lista de artistas criadores da música brasileira que saíram dessas bandas. Lembremos nosso conterrâneo Luiz Gonzaga.

Tentando fechar, considero que esse instrumento de força, o Exército, é narcísico por natureza. O militar é narcisista em qualquer canto: o homem-força, treinado, disciplinado, percebendo-se como portador de padrão moral elevado. O povo seria ruim, o militar seria superior, portanto, indicado para o mando. Lendo o que o Mourão escreveu hoje: o povo não presta, nós prestamos; o país não serve, nós somos competentes, nós somos a salvação, nós somos a eficiência.

São grandes as evidências de que o Brasil está nessa calamidade administrativa, neste descontrole da pandemia, por conta desses oficiais que integram o governo. Um militar da ativa estava receitando cloroquina ao povo até outro dia. Propiciava as condições para essa calamidade. Militares da ativa e da reserva que garantem o governo mais escandaloso da História.

Você fala em milícia... Eu sempre pensei que o Exército esteve preocupado em deter o monopólio da violência do país. Mas o fato é que agora ele cede espaço a essas milícias que tomam conta do país. O exército apoiou Bolsonaro, um político admirador das milícias.

Na verdade, a história do exército é permeada de relações com milícias. Antes da modernização, o próprio Exército tinha formação miliciano.

O exército tem mais tempo como miliciano do que como exército moderno. Mesmo depois da modernização ocorrida entre 1919 e a Segunda Guerra Mundial, o Exército não superou seus traços originais e se debate com problemas de identidade.

A corporação vive dilema de origem, entre ser militar e ser policial. O policial está mais próximo da milícia. Quando o militar atua como policial, passa também a conviver com milicianos. Hoje, o Exército se cala quando Bolsonaro se empenha em facilitar a multiplicação de armas em mãos de civis.

O Exército interveio durante quase um ano no Rio de Janeiro. O general Braga Netto estava lá comandando tudo e não incomodou a milícia. Mataram Marielle quando ele era interventor e tudo ficou por isso mesmo.

Um colega da Universidade de São Carlos, Piero Leirner, que escreve sobre guerra híbrida, diz que o Exército interveio no Rio para pavimentar a candidatura de Bolsonaro. Eu acompanho sua interpretação. No começo, duvidei... Piero dizia que a intervenção serviu para congelar o Congresso no que diz respeito às mudanças constitucionais. Depois de um ano trocando ideias, penso que o Exército interveio no Rio de Janeiro durante o governo Temer quando o plano de eleger Bolsonaro estava em curso. Hoje, o homem que detém as informações acerca das milícias cariocas é o general Braga Netto, ex-chefe da Casa Civil, atual ministro da Defesa. Esse homem é o condestável da República. Ele sabe o que o Presidente da República andou aprontando no Rio de Janeiro. Sua atuação exemplifica bem a convivência entre o militar e a milícia.

A conversa com vocês é adorável, um prazer. Fazia muitos anos que eu não via Luiz Nova, é uma satisfação revê-lo.

Osmar Moreira dos Santos:

Professor, em nome do Programa de Crítica Cultural, eu agradeço sua generosidade. Temos muito o que produzir juntos. O senhor colocou uma problemática extremamente relevante, que deve nos inspirar na proposição de artigos, resenhas e mesmo de outras entrevistas para o atual do Dossiê da Pontos de Interrogação: Revista de Crítica Cultural.

Luiz Nova:

Eu queria agradecer ao Manuel por ter aceito o convite. Foi um prazer essa retomada do contato. Esse tema deixa muitos questionamentos. A fogueira do tema você acaba de acender com muita força, hoje. Eu vou querer discutir depois: uma institucionalidade permanente e ao mesmo tempo uma pedra, um drama, de quem deseja transformação. Gostaria muito de retornar ao tema e espero que o professor Osmar proporcione a ocasião. Obrigado! Um abraço!

Recebido em 21 de maio de 2021.

Aceito em 18 de junho de 2021.